

AS CONTRIBUIÇÕES DE SANDRA PESAVENTO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

SANDRA JATAHY PESAVENTO'S CONTRIBUTIONS TO HISTORY AND LITERATURE

Alexsandro Menez¹

RESUMO

Dentre as várias contribuições para o campo dos estudos históricos no Rio Grande do Sul advindas do trabalho da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, este artigo pretende destacar o seu pioneirismo em trazer para o Brasil reflexões advindas da História Cultural. Apesar de inicialmente terem sido vistas com desconfianças, as ideias de imaginário, representação e da relação entre História e Literatura impactaram as pesquisas historiográficas sul-rio-grandenses e ainda mantém sua relevância mesmo passados anos de sua chegada ao Brasil. Levando isso em consideração, o objetivo deste artigo é apresentar as reflexões dessa estudiosa sobre a relação entre História e Literatura a partir do exame de algumas das categorias basilares de seu pensamento. A partir desse enfoque, analisarei ainda sua contribuição para o estudo do regionalismo gaúcho, no qual suas reflexões permitem o qualitativo entrelaçamento entre as duas áreas.

Palavras-chave: Sandra Jatahy Pesavento. História Cultural. Representação. Imaginário. História e Literatura. Regionalismo.

ABSTRACT

Among the various contributions to the field of historical studies in Rio Grande do Sul arising from the work of the historian Sandra Jatahy Pesavento, this article intends to highlight her pioneering spirit in bringing reflections from Cultural History to Brazil. Despite initially being viewed with suspicion, the ideas of imagery, representation and the relationship between History and Literature impacted historiographical research in Rio Grande do Sul and still maintains its relevance even years after its arrival. Taking this into account, the aim of this article is to present this scholar's reflections on the relationship between History and Literature from the examination of some of the basic categories of her thought. Based on this focus, I will also analyze your contribution to the study of regionalism in Rio Grande do Sul since her reflections allow a qualitative intertwining between the two areas.

Keywords: Sandra Jatahy Pesavento. Cultural History. Representation. Imaginary. History and Literature. Regionalism.

1 Doutorando no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University.

INTRODUÇÃO

Durante o período da minha formação em História, entre 2009 e 2012, não tive oportunidade de ser aluno da professora Sandra Jatahy Pesavento, contudo, como aluno da Faculdade Porto-alegrense (FAPA), tive o benefício de conviver com muitos de seus ex-alunos e orientandos. Minha primeira aproximação com o seu trabalho foi a partir do contato com a mudança de paradigma dos estudos históricos no Brasil de uma tendência marxista para uma perspectiva culturalista. No início, ainda no meu processo formativo da disciplina, rechaçava os promotores daquela última vertente pela forte tendência pós-moderna. Entretanto, a leitura gradativa das pesquisas desenvolvidas pela aquela admirável historiadora abriram um novo caminho na minha trajetória acadêmica, principalmente pelo meu crescente interesse em articular História e Literatura. Passados mais de dez anos desde aqueles primeiros passos, gostaria de prestar a minha homenagem a esta importante historiadora gaúcha. Assim, este artigo tem por objetivo apresentar as reflexões dessa estudiosa sobre a relação entre História e Literatura a partir do exame de algumas das categorias basilares de seu pensamento. A partir desse enfoque, será demonstrado como Pesavento aplicou suas reflexões sobre aquelas duas áreas contribuindo para o estudo do regionalismo gaúcho.

1 A História Cultural

As ponderações desenvolvidas por Pesavento sobre a relação entre História e Literatura foram originadas da mudança de orientação do viés marxista para a chamada História Cultural. No livro publicado por ela no ano de 2003, que poderíamos considerar como um ensaio sobre essa nova maneira de compreender a História, Pesavento enfatiza que a História Cultural deixou de lado a perspectiva marxista que percebia a cultura como parte da superestrutura, sendo essa apenas um simples reflexo da infraestrutura. Além disso, Pesavento (2003, p. 14-15) também abandonou a divisão entre cultura erudita e popular uma vez que, em um sentido geral, cultura passou a ser entendida pela História Cultural como “[...] uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica [...]” (PESAVENTO, 2003, p. 15). Por se apresentar de forma cifrada, o historiador teria por tarefa decifrar essa realidade, o que basicamente constituía uma forma diferente de interação com o passado.

Essa transformação seria uma resposta à crise dos paradigmas ocorrida, principalmente, nos anos 1970. No artigo “Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário”, Pesavento (1995)², explica que essa crise

2 Em um trecho desse artigo, a autora menciona os modelos teóricos que sofreram com essa crise dos paradigmas. Segundo ela, esses foram: “... modelos históricos interpretativos vigentes na outra fin de siècle e que perduraram enquanto forma de interpretação da realidade

dos modelos totalizantes e explicativos do passado ocasionou modificações de conteúdo e método.

Por conseguinte, essa crise dos paradigmas resultou na perspectiva de que o passado não poderia ser entendido na sua totalidade, ou seja, somente teríamos acesso a fragmentos das experiências do homem no tempo. Além disso, segundo Pesavento (2003), esses pedaços do acontecido nunca poderiam ser objetivamente considerados verdades absolutas, pois somente poderíamos chegar à verossimilhança daquelas experiências, que, por sua vez, estariam eternamente sujeitas a modificações devido a transformações do próprio presente em constante alteração.

Posição semelhante a essa era defendida pela historiadora gaúcha no artigo “Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura”, publicado na *Revista de História das Idéias*, no ano 2000. Nesse texto, Pesavento afirmava haver, naquele final de milênio, o consenso entre os historiadores sobre os limites das explicações totalizantes sobre o passado. Ademais, ela salienta que a categoria de representação e o conceito de imaginário estavam sendo significativamente abordados nos trabalhos acadêmicos da área. Pela centralidade termos para a História Cultural e para o entendimento da contribuição de Pesavento acerca da relação entre História e Literatura, segue o exame desses conceitos à luz das análises da historiadora.

2 A Representação

Como categoria fundamental para a História Cultural, o conceito de representação, conforme destacado por Pesavento, era essencial para a reorientação da postura do historiador frente à renovação disciplinar que estava ocorrendo após a crise dos paradigmas. Segundo ela, a origem desse conceito remonta aos sociólogos Marcel Mauss e Émile Durkheim, que, no início do século XX, faziam uso da ideia de representação coletiva em suas análises sociológicas. A historiadora percebe esse conceito como sendo “[...] matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real.” (PESAVENTO, 2003, p. 39). Dessa forma, para dar sentido ao mundo, tanto indivíduos como coletividades constroem representações sobre a realidade, visto que tais representações não apenas se colocariam sobre a realidade, mas igualmente exerceriam a função desse real. Pesavento evidencia que “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que

até cerca de metade do século XX: o historicismo de Ranke, transmutado em inúmeras variantes de laudatórias “histórias nacionais”, o positivismo de Comte, com seus pressupostos normativos científicos, estabelecendo os critérios da verdade absoluta, e o marxismo, mais especialmente a sua versão leninista e, posteriormente, stalinista, com seu corolário de postulados: reducionismo econômico, o mecanicismo, o etapismo evolutivo” (1995: 35).

dá a ver uma ausência. A idéia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença (PESAVENTO, 2003). Entretanto, a historiadora ressalta que esta relação entre ausência e presença torna o conceito de representação ambíguo, pois “[...] a correspondência não é da ordem mimética ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.” (PESAVENTO, 2003, p. 40).

É essa construção a partir do real, não a sua imitação, que interessaria ao historiador cultural. Pesavento enfatiza que a representação da realidade passada ainda “[...] guarda relações de semelhança, significado e atributos [...]” para com o seu representado. Dessa maneira, a representação poderia ser compreendida como uma forma de substituir a inatingível realidade do acontecido (2003, p. 40-41). Por fim, procurando definir o seu entendimento dessa importante categoria de análise para a História Cultural, a historiadora gaúcha diz que:

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas estes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo. [...] uma vez que a representação tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem. (PESAVENTO, 2003, p. 41).

Essas reflexões encontradas pela História Cultural em resposta à crise dos paradigmas foram fundamentais para as transformações das pesquisas empreendidas por Pesavento. Como podemos perceber, já que não era mais possível explicar objetivamente o passado, e não desejando refutar a capacidade de entendermos as realidades passadas, essa historiadora chegou à conclusão que a tarefa do historiador nesse novo milênio seria renovada através do entendimento que “[...] a realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações.” (PESAVENTO, 2003, p. 42).

3 O imaginário

Se somente podemos atingir as representações sobre realidades passadas, Pesavento direciona o seu interesse para um novo conceito trazido

por aquela nova forma de compreender o real, este seria o conceito de imaginário. Para refletir sobre esse novo conceito, no texto “Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário”, de 1995, Pesavento parte do pensamento do historiador Jacques Le Goff, do crítico literário Claude-Gilbert Dubois e dos filósofos Cornelius Castoriadis e Gilbert Durant. A partir deles, a nossa historiadora diz que o imaginário, “[...] enquanto representação, revela um sentido ou envolve uma significação para além do aparente. É, pois, epifania, aparição de um mistério, de algo ausente e que se evoca pela imagem e discurso.” (PESAVENTO, 1995, p. 16). Portanto, o imaginário seria um sistema discursivo de ideias e imagens coletivas sobre o real. Essas imagens não existiriam fora de “um processo de evocação”, uma vez que “esta imaginação reprodutora ou mimética estabelece um simulacro, uma via ilusória de representação da realidade, funcionando como um auxiliar do sentido.” (PESAVENTO, 1995, p. 19).

Em síntese, Pesavento procura definir o imaginário como sendo um “sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (2003, p. 43). De acordo com essa historiadora, o imaginário social, por exemplo, manifestar-se-ia através dos símbolos, crenças, discursos, representações alegóricas figurativas e ritos expressados por uma determinada coletividade (PESAVENTO, 1995).

Com essas reflexões, Pesavento fazia questão de lembrar que o imaginário não podia ser confundido com a realidade, pois o real é visto como o seu próprio referencial. Contudo, essa pertinente diferenciação não impediu que os promotores da História Cultural, no Brasil, fossem considerados negadores da realidade histórica. Em outro texto, “História e literatura: uma velha-nova história” de 2006, Pesavento defendeu-se desse tipo de acusação dizendo que a utilização do conceito de imaginário tinha por pressuposto a noção de que o real era algo que poderia ter seu significado vivenciado, ou mesmo construído, de maneiras diferentes no tempo e no espaço. Assim, Pesavento (2006, p. 13) argumentava que, “[...] ao construir uma representação social da realidade, o imaginário passa a substituí-la [...]” ou seja, o imaginário é capaz de substituir e, por conseguinte, tomar o lugar do real. Dessa forma, o mundo se institui da forma que o pensamos, concebemos e sentimos.

Essa ideia de que o passado poderia ser sentido permitiu a aproximação para com a Literatura, tornando a historiadora gaúcha uma das pioneiras no âmbito dos estudos históricos brasileiros sobre a relação entre História e Literatura. Para essa aproximação, Pesavento partiu do pressuposto de que os historiadores deveriam perceber a Literatura como beneficiadora ao entendimento das representações de realidade passadas, dado que os conceitos “[...] são artifícios mentais que se propõem a interrogar e explicar o mundo.” (PESAVENTO, 2006, p. 12). Portanto, através do âmbito do imaginário seria

possível revelar um real mais real do que o real concreto. Esse real concreto ficaria disponível através da Literatura, pois esta permitiria atingir algo novo, que não era possível de ser alcançado por paradigmas explicadores das realidades passadas. Para ela, ambas disciplinas, de uma maneira ou outra, são explicações do real através da elaboração de discursos – linguagens – sobre o mundo (PESAVENTO, 2006). O conceito de imaginário, portanto, permitiria a benéfica aproximação entre História e Literatura.

4 A Relação entre História e Literatura

O primeiro passo para a aproximação entre História e Literatura compreendido por Pesavento foi a diluição de suas fronteiras. Como vimos nos tópicos anteriores, partindo das renovações do ofício do historiador geradas pela História Cultural através da categoria de representação e do conceito de imaginário, a historiadora ressaltou que a História seria semelhante à Literatura uma vez que ambas elaboram discursos sobre a realidade. No entanto, Pesavento ponderava que não estava insinuando que a Literatura seria equivalente à História. Essas ressalvas foram elaboradas no artigo “Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura”, no qual ela reconhecia que os estudos históricos produziram um discurso sobre uma realidade passada através da constituição de uma narrativa, semelhantemente a um texto ficcional, não é o mesmo que confessar que os historiadores elaboram ficções e, por causa disso, “não almejam a verdade.” (PESAVENTO, 2000, p. 37).

Pesavento cita a historiadora estadunidense Natalie Davis para embasar essa perspectiva, uma vez que Davis demonstra como os historiadores haviam ultrapassado a distinção entre História e Poética elaborada por Aristóteles, em que a Poética era responsável pelo discurso do que poderia ter ocorrido e a História era responsável pelos fatos verídicos. Através da superação dessa fronteira, a historiadora gaúcha ressalta que Davis assegurava ter, a partir de seu próprio trabalho, “[...] penetrado nos caminhos da imaginação sistemática do possível, da experiência do estilo e da busca das formas de narrativa que se apresentam nos documentos do passado.” (PESAVENTO, 2000, p. 38).

Para Pesavento, a diluição das fronteiras entre História e Literatura não significaria o apagamento entre ambas, mas a intenção era facilitar a transição entre as duas áreas, permitindo que a História tirasse proveito das técnicas discursivas e narrativas produzidas pela Literatura. Ao se contrapor às tentativas de igualar aquelas duas áreas, ela reitera que,

Se formos pensar as relações que se estabelecem entre o discurso e o real – ou da representação com o seu referente –, vemos que elas podem se dar por aproximação com as

figuras da literatura. Isso não implica um endosso indiscriminado de um *linguistic turn*, nem uma revalidação, *in totum*, das posturas de Hayden White, que apaga as distinções entre a História e a Literatura. Talvez mesmo seja preciso a História recusar a afirmação de Roland Barthes quando fala da única realidade como aquela construída pelo discurso. Mas todas essas considerações representam, isso sim, um exercício de reflexão para entender as relações possíveis entre a representação narrativa e o seu referente, questão esta central para a História Cultural. (PESAVENTO, 2003, 70-71).

O exame das concepções historiográficas de Pesavento permite, por um lado, demonstrar como ela concordava com o autor de *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-century Europe* no que diz respeito ao compartilhamento das técnicas narrativas pela História e Literatura, mas, por outro lado, limitava a semelhança entre ambas. Como salienta a historiadora, não era possível negar, que essas duas áreas se utilizavam da mediação entre o mundo do texto e o mundo do leitor, visto que os “[...] historiadores também mediatizam o mundo, conectando escrita e leitura.” (PESAVENTO, 2006, p. 15-16). Sublinha-se, entretanto, que o historiador não teria, “[...] certezas absolutas de *chegar lá*, na tal temporalidade escoada, irremediavelmente perdida e não recuperável, do acontecido.” (PESAVENTO, 2006, p. 16).

Nessa perspectiva, a diferenciação entre História e Literatura estaria na utilização de métodos, uma vez que:

O método fornece ao historiador meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade, o caminho percorrido, desde a pergunta formulada à pesquisa de arquivo, assim como a estratégia pela qual fez a fonte falar, produzindo sentidos e revelações, que ele transformou em texto. (PESAVENTO, 2003, p. 67).

Em outras palavras, enquanto a diluição das fronteiras entre História e Literatura ocorreria pela aceitação que ambas produzem uma narrativa textual, para a historiadora gaúcha, seria o método histórico que estabeleceria os limites para o apagamento das fronteiras entre as duas áreas. Nesse sentido, a História seria uma “ficção controlada” através do método empreendido pelo historiador para chegar ao passado. Além disso, essa ficção controlada não impediria de ser testada, permitindo que o leitor de um texto histórico pudesse refazer o caminho realizado pelo historiador (PESAVENTO, 2003). Por fim, como a historiadora resume: a história é uma ficção controlada “[...] porque a História aspira ter, em sua relação de ‘representância’ com o real, um nível de verdade possível.” (PESAVENTO, 2000, p. 39).

O historiador deveria então se concentrar no entendimento de que o seu ofício consiste na construção da representação do passado através do olhar que este faz das fontes. No entanto, Pesavento advertia para que “[...] não esqueçamos que o historiador da cultura visa, por sua vez, a reconstruir com as fontes as representações da vida elaboradas pelos homens do passado.” (PESAVENTO, 2003, p. 42-43). Portanto, a fonte utilizada pelo historiador seria a estrada que ele percorreria para chegar às representações construídas em uma realidade passada. Visto dessa maneira, o “[...] o passado não passa de uma representação construída pelo historiador.” (PESAVENTO, 2003, p. 43).

Esse ato, que a historiadora define como representação do real, também seria uma ação criativa, sendo uma espécie de “produção fictícia de uma temporalidade”. Neste caso, “reconstruir o vivido pela narrativa é, praticamente, dar a ver uma temporalidade que só pode existir pela força da imaginação: primeiro do historiador, depois do leitor do seu texto” (2000, p. 41). Entretanto, na sua reflexão sobre a relação entre História e Literatura, Pesavento propôs uma alteração na diferenciação aristotélica. Nesta nova diferenciação, a tarefa do historiador seria alterada da elaboração do *foi* para o *poderia ter sido*, enquanto a segunda, por retratar *algo não acontecido*, pertenceria ao campo da ficção. Para a historiadora, “[...] a representação do passado feita pelo historiador seria marcada por esta preocupação ou meta: a da *vontade de chegar lá* e não da certeza de oferecer a resposta certa e única para o enigma do passado”. (2006, p. 16). Logo, através do seu texto narrativo, o historiador se aproximaria do real na tentativa de recuperar a verdade *do que foi um dia*, “[...] mas sua tarefa é sempre a de representação daquela temporalidade passada” (2006, p. 17). Sumarizando essa peculiaridade da História, que a diferencia da Literatura, Pesavento acentua que:

[...] ao admitir o uso de estratégias fictícias, ao endossar que realiza reconstruções do passado e lida com a verossimilhança, ou no máximo, verdade cumulativas e parciais, a História Cultural não estaria se aproximando ou se identificando demais com a Literatura e abrindo mão de seu caráter científico? Já vimos que a resposta dada pela História foi de que ela é uma ficção controlada, seja pelo método, seja pelas fontes, tal como pelo fato de que lida sempre com o acontecido, embora variem as formas de representar aquilo que aconteceu. A História assim é controlada pela relação que estabelece com o seu objeto. Ela tem como meta atingir uma verdade sobre o acontecido, que se aproxime o mais possível do passado. (PESAVENTO, 2003, p. 80-81).

Por fim, a última questão do uso da técnica imaginativa pelo historia-

dor foi precisamente explicado por aquela estudiosa, deixando claro que apesar do fato histórico ser, em parte, uma criação do historiador, ele é constituído discursivamente, com base em “[...] documentos ‘reais’ que falam daquilo que teria acontecido.” (PESAVENTO, 2006, p. 17). Nesse sentido, apesar de diluir a fronteira entre História e Literatura, Pesavento, ao mesmo tempo, tem o cuidado estabelecer ainda limites entre as duas formas de representação da realidade. A partir desse ponto, a segunda contribuição desenvolvida pela historiadora gaúcha sobre a relação entre História e Literatura é a possibilidade da utilização da Literatura pela História, em que esta primeira seria uma fonte privilegiada para acessar as representações históricas.

Pesavento defendia que nesse outro nível relacional entre as duas disciplinas, a História formularia as perguntas e questões sobre as realidades passadas e a Literatura daria o necessário acesso para o passado. Dessa maneira, a Literatura ocuparia “[...] a função de traço, que se transforma em documento e passa a responder às questões formuladas pelo historiador”. Sem embargo, a estudiosa esclarecia que essa relação seria hierárquica, sendo apenas uma maneira de “precisar o lugar de onde se faz a pergunta.” (PESAVENTO, 2003, p. 82)

A capacidade da Literatura ser uma fonte de acesso privilegiada às representações do passado ocorreria devido ao fato desta chegar à “[...] sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos.” (PESAVENTO, 2003, p. 82). Além do mais, a literatura é considerada uma “narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica”. Portanto, sob o olhar do texto literário, o objeto do historiador ganha uma nova “luz” e, conseqüentemente, pode ser visto de uma maneira diferente, em comparação, das possibilidades fornecidas pelas fontes tradicionais. Em outras palavras, a Literatura permite que o historiador tenha acesso às sensibilidades das experiências vividas pelos indivíduos no passado. Desse modo, através da Literatura seria possível “[...] resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam.” (PESAVENTO, 2006, p. 22).

Tendo elucidado essa segunda contribuição da relação entre História e Literatura formulada pelas reflexões de Pesavento, é necessário clarificar um último ponto que ela ressaltava. Segundo ela, “a Literatura é testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita.” (PESAVENTO, 2003, p. 83). De fato, esse é um detalhe de extrema importância na compreensão do pensamento historiográfico de Pesavento, além disso, ele também está em sintonia com a precisa diferenciação entre História e Literatura esboçadas por aquela historiadora. Assim sendo, não é o ficcionista quem acessa as representações do passado,

esse é capacitado para transmitir, ou seja, captar as representações de sua própria época. Por conseguinte, “quando o texto literário fala do passado, construindo-se como um romance histórico [...], o historiador não busca nele a verdade de um outro tempo, vendo no discurso de ficção a possibilidade de acessar o passado, mas a concepção de passado formulada no tempo da escritura.” (PESAVENTO, 2003, p. 83).

5 O Regionalismo através da História e Literatura

Nas reflexões sobre a relação entre História e Literatura, Pesavento acreditava que o texto literário nos forneceria as sensibilidades e o imaginário das realidades passadas. Por sua vez, essas seriam apresentadas não como acontecimentos, mas como possibilidades de comportamentos e sensibilidades refletidas em uma determinada obra ficcional (PESAVENTO, 2006). Ao longo de sua trajetória acadêmica, ela procurou aplicar essas suas reflexões através do exame de diversos escritores literários. Para este artigo, focaremos especialmente na sua análise sobre a literatura sul-rio-grandense produzida no século XIX, principalmente, nas suas manifestações regionalistas.

Sobre a produção literária dessa época, na maneira que Pesavento percebia o uso da Literatura pela História, a questão do valor de uma obra literária não seria algo relevante para o historiador. Como ela salientava, não seriam somente as obras canônicas as únicas capazes de assimilar e absorver as sensibilidades de uma época. Desta forma, a “[...] mediocridade pode ser também reveladora e dizer, por vezes, mais do que a genialidade.” (PESAVENTO, 2003, p. 84).

Analisando a literatura que não faz parte do cânone da Literatura Brasileira, nem é considerada como obras de alto valor estético, a historiadora gaúcha se deteve nas produções literárias da então Província do Rio Grande do Sul de São Pedro. Nos seus estudos, ela averiguou os conceitos de nação e região presentes no imaginário daquelas fontes. No texto “Nação e região: diálogos do “mesmo” e do ‘outro’ (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX)”, ela desenvolveu a ideia de que o sentido de pertencimento comunitário sul-rio-grandense teria sido formulado através do jogo de percepções identitárias que ela denominou como “desde fora” e “desde dentro”. Essa noção tem por base uma reflexão desenvolvida no artigo “A cor da Alma: ambivalências e ambiguidades da identidade nacional”, publicado em 2000. Nesse artigo, Pesavento diz que:

[...] a identidade é uma representação relacional, pois tem como referência a alteridade dos “outros”. A delimitação e configuração do “nós” identitário tem como contraponto a

existência dos “outros”. Identidade e alteridade trabalham entre si pela metáfora do espelho, onde a designação e qualificação do “outro” é um dizer-se de si mesmo. (PESAVENTO, 2000a, p. 161).

A partir disso, ela constatou que a noção de região e nação são formas de representação social e de referências identitárias, atribuídas através do sentimento de pertença de um grupo de indivíduos. Pesavento (2003a) partiu da premissa de que aqueles conceitos são categorias relacionais, no qual um “nós” pressupõe a existência da alteridade de um outro. A essa noção de alteridade do “nós e os outros”, a historiadora interlaçou a ideia do “olhar desde dentro” com o “olhar desde fora”. No caso dos letrados sul-rio-grandenses do século XIX, essa equação se organizou da seguinte maneira:

No caso rio-grandense, este processo tem lugar no pós-Revolução Farroupilha e através da via literária, com o surgimento daquele que foi o segundo romance brasileiro: 1847, no Rio de Janeiro, José Antônio do Valle Caldre e Fião publicou *A divina pastora*, pela Tipografia Brasiliense. De filiação romântica, tal como Joaquim Manoel de Macedo, que publicara *A moreninha* em 1844, Caldre e Fião desenvolve uma trama romântica de onde se divisam paisagens e contexto social da época. No caso desta obra, que o autor subintituiu “novela rio-grandense”, é retomada a encruzilhada cultural que, do encontro de portugueses, espanhóis e índios, irá formar um “novo homem” no sul. Sem se referir no texto ao termo “gaúcho”, Caldre e Fião prefere usar o termo “rio-grandense”, que se objetiva em uma figura que é portadora de todos os atributos que serão desenvolvidos mais tarde, *ad nauseam*, e que já se encontravam no olhar “desde fora” dos viajantes estrangeiros: altivez, coragem, audácia, senso de liberdade que são acrescidos agora de um elevado senso de honra e código moral preciso. (PESAVENTO, 2003a, p. 215-216).

Pesavento ainda procurou contrapor a obra de Caldre e Fião com um escritor brasileiro considerado canônico, o cearense José de Alencar. Para ela, nesse processo de construção da identidade sul-rio-grandense, aquele último, na atribuição da identidade sul-rio-grandense, seria responsável pelo “olhar desde fora”. Para a estudiosa, a obra *O Gaúcho* consagrou a expressão “centauro dos pampas” para designar os habitantes da fronteira meridional do Império brasileiro (2003a, p. 221). O processo do “desde de dentro” teria surgido a partir da criação da Sociedade do Parthenon Litterario, na segunda metade do século XIX, em que teria ocorrido “[...] um delineamento identi-

tário regional pela via literária.” (PESAVENTO, 2003a, p. 224-225). A historiadora, ressaltou o sentido de pertença local por parte daqueles letrados do Parthenon Litterario da seguinte maneira:

[...] cabe ver como os “sintomas” identitários da região, até então esparsos, foram apropriados pelos intelectuais “desde dentro” e retrabalhados no sentido de uma positividade ainda maior, com hipertrofia de certos valores e uma ressemantização de certos fatos e práticas sociais. (PESAVENTO, 2003, p. 225).

Além disso, no seu discurso ficcional,

O Partenon Literário consagra o gaúcho como brasileiro e a Revolução Farroupilha como o grande evento que coroa esta opção pela nacionalidade. A situação é bem delimitada: a causa da rebelião era justa, os farrapos são heróis e, na “paz honrosa” de 45, em Ponche Verde, optaram por ficar ao lado do Brasil. Logo, ninguém tão brasileiro quanto os rio-grandenses. Durante anos, defenderam a fronteira para a Coroa. Ameaçados em “suas liberdades”, revoltaram-se, lutaram bravamente e, diante do perigo “externo” de “outros” (os “mesmos” que os ajudaram a enfrentar o conflito de dez anos contra o Império [...]), reconciliam-se com a Corte e perfilam-se ao lado da pátria amada. (PESAVENTO, 2003a, p. 227).

Ao examinar a representação do passado constituída por aqueles sul-rio-grandense dos anos 1870, Pesavento percebeu que a forma de compreender a regionalidade passava pelo esforço de legitimação de seus pertencimentos à nacionalidade brasileira. Segundo ela, a “[...] intenção de participar do que se poderia chamar do ‘delineamento’ do nacional pela sua expansão que atinge o seu limite máximo nas franjas do país, ou seja, na fronteira. Mesmo sendo região ‘tão diferente’, o Rio Grande quis ser Brasil.” (PESAVENTO, 2003a, p. 230).

Neste caso, o uso da Revolução Farroupilha e do gaúcho por parte dos que criaram o olhar do “desde fora” e do “desde dentro” remete ao entendimento de Pesavento, segundo o qual, “como todo processo de construção imaginária, a identidade se apoia em dados da realidade que se compõem e interpenetram com elementos do inconsciente coletivo e outros ‘inventados’, num processo de deliberada ficção criadora.” (PESAVENTO, 2000a, p. 162). Nesse sentido, a historiadora via que aquela afirmação do pertencimento local e nacional seria o resultado do sentimento de pertença definida pela

lógica que funcionaria da seguinte maneira: “Nós, gaúchos; os Outros, do centro”, em que “Nós, gaúchos, somos os Mesmos que ‘Eles’, porque somos brasileiros.” (PESAVENTO, 2003a, p. 232). Sendo assim, no seu entendimento sobre o imaginário daqueles habitantes da Província do Rio Grande do Sul de São Pedro, “no plano das construções simbólicas de sentido, em nenhum momento a região dispensa a nação.” (PESAVENTO, 2003a, p. 244).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos ao longo deste artigo como a mudança de orientação do viés marxista para a chamada História Cultural foi benéfica para que a historiadora gaúcha Sandra Jatahy Pesavento desenvolvesse seus estudos sobre a relação entre História e Literatura. Vimos como ela refletiu sobre a crise dos paradigmas e as renovações trazidas para o campo pela História Cultural. Além disso, a categoria de representação e o conceito de imaginário foram fundamentais para que ela produzisse um novo olhar para o estudo de um dos tópicos mais longamente estudados e debatidos pelos historiadores do Rio Grande do Sul. Seus trabalhos influenciaram gerações de historiadores que se seguiram. Como havia dito no início deste artigo, particularmente, fui um dos beneficiados pelos trabalhos dessa brilhante historiadora. Ao longo desta minha ainda iniciante carreira, tenho tentado seguir os seus passos. Por isso, graças aos seus textos lancei-me no estudo daquele tópico tendo já produzido dois estudos sobre o assunto, *O “Inolvidável Polígrafo”: regionalismo literário gaúcho e nacionalismo brasileiro em Apolinário Porto Alegre (1869-1879)* (2015) e *Apolinário Porto Alegre e os partenonistas: lendo os letrados do século XIX* (2017). Curiosamente, são duas dissertações de mestrados produzidas nas duas áreas promovidas por ela, História e Literatura.

Dessa maneira, chego ao fim deste artigo que foi um misto de agradecimento e homenagem a uma das melhores historiadoras que esse estado já produziu. Mesmo que alguns dos conceitos utilizados e promovidos por Pesavento tenham caído em desuso, devemos levar em consideração que as suas reflexões e seu longo, vasto e diversificado trabalho deve continuar a ser lido e relido, pois, a maneira que ela continuamente pensava sobre o nosso trabalho como historiadores continua e, com certeza, continuará tocando e sensibilizando por muitas gerações.

REFERÊNCIAS

MENEZ, Alexsandro R. **O “Inolvidável Polígrafo”**: regionalismo literário gaúcho e nacionalismo brasileiro em Apolinário Porto Alegre (1869-1879). 2015. 179 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://>

hdl.handle.net/10923/7531

- MENEZ, Alexsandro R. **Apolinário Porto Alegre e os partenonistas**: lendo os letrados do século XIX. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras na área de Estudos Literários) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/14539>
- PESAVENTO, Sandra J. A cor da Alma: ambivalências e ambiguidades da identidade nacional. **Estudios Sociales**, ano 10, n. 18, 1º semestre, p. 161-169, 2000.
- PESAVENTO, Sandra J. Nação e região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, século XIX). In: PESAVENTO, Sandra J. (org.). **História Cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003a, p. 209-244.
- PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PESAVENTO, Sandra J. História e literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **Histórias e Literatura**: identidades e fronteiras. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- PESAVENTO, Sandra J. Em busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.
- PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, v. 21, p. 33-57, 2000. Separata.
- PESAVENTO, Sandra J. Quando a nação é, sobretudo, uma questão de sensibilidade. In: CARVALHO, José Murilo de Carvalho; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das (orgs.). **Repensando o Brasil do Oitocentos**: cidadania, política e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 572-580.

Recebido em 30/03/2020

Aprovado em 12/11/2020